

A RECEPÇÃO DOS ROMANCES DE TEIXEIRA E SOUSA

Hebe Cristina da SILVA¹

RESUMO: A historiografia literária brasileira menciona Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861) como um escritor menor, cuja produção romanesca é desprovida de qualidades estéticas e formais. Essa opinião contrasta com o conteúdo de alguns textos críticos publicados no século XIX, os quais elogiam os romances do autor e indicam que ele era bastante apreciado pelo público. Os dados referentes à circulação de seus romances vêm ao encontro das observações dos críticos oitocentistas, pois a história editorial de suas obras em prosa indica que ele foi bem aceito pelo público leitor brasileiro do Oitocentos. Este texto apresenta alguns resultados do projeto “Teixeira e Sousa e o Romance no Brasil”, desenvolvido com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

ABSTRACT: According to the Brazilian Literary Historiography, Antonio Gonçalvez Teixeira e Sousa (1812-1861) is considered a minor writer, whose novels do not have aesthetic value. However, his books not only received good reviews from the critics during the nineteenth century and but also seem to have the public preference. The good acceptance of the public is upheld by the publishing history of his novels, discussed in this paper.

As histórias literárias brasileiras, em sua maioria, atribuem a Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa importância histórica pela precedência na publicação de romances no Brasil, destacando os problemas formais e estéticos de suas produções em prosa. Alfredo Bosi, por exemplo, não o situa junto dos demais prosadores, como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Bernardo Guimarães, apontando como um dos motivos a “inegável distância, em termos de valor, que o separa de todos.” (BOSI, 1981, p. 111-112).

Os dados relativos à circulação e recepção de suas narrativas, porém, permitem dizer que o romancista cabofriense foi bastante apreciado pelos seus contemporâneos, impressão que é reforçada pelas observações dos textos críticos que abordaram sua produção. Por isso, antes de nos atermos às considerações dos críticos oitocentistas sobre os romances do autor, importa conhecer a história editorial dessas obras.

A estréia de Teixeira e Sousa como romancista deu-se em 1843, com a divulgação de *O Filho do Pescador* nos rodapés de *O Brasil*, entre 06 de julho e 22 de agosto. Após o término do folhetim, foi confeccionada a primeira edição em volume do romance em questão, cuja venda passou a ser anunciada após o término dos folhetins².

Do ano de 1846, provavelmente, data o lançamento de *As Fatalidades de Dois Jovens*, o segundo romance de sua autoria. Os textos que abordaram Teixeira e Sousa

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária pelo IEL/UNICAMP. Este texto apresenta alguns resultados do projeto “Teixeira e Sousa e o Romance no Brasil”, desenvolvido com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² “O FILHO DO PESCADOR./ romance brasileiro, cuja historia se passa no Rio de Janeiro, composto por A. G. Teixeira e Souza: vende-se, 1 vol., por 1\$ rs., na loja de Paula Brito [...]” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 24/09/1843. **Obs.:** Foi mantida a grafia original de todos os textos oitocentistas citados no presente trabalho.

afirmam ser 1856 a data da primeira edição dessa narrativa, mas essa informação contraria os dizeres de vários anúncios da época. O primeiro deles, publicado em 19 de fevereiro de 1847, mencionou o “acolhimento favorável” que esse romance havia recebido, indicando que fôra publicado antes daquele dia (*Jornal do Comércio*: 19/02/1847). Quando o texto foi impresso, anos depois, na *Marmota Fluminense*, Paula Brito divulgou uma nota em que afirmou claramente tratar-se de uma reedição da obra, aspecto ressaltado também nos anúncios do lançamento do volume, divulgados a partir de março de 1857, após o término dos folhetins³. Inocêncio Silva declarou que, mesmo não a tendo visto, acreditava na existência de “uma edição anterior, em dois volumes, feita em 1846” (SILVA, 1858-1923), fornecendo, assim, a data mais provável da primeira edição do segundo romance do autor.

No seguinte, 1847, foi impressa a terceira narrativa de sua autoria: *Tardes de um Pintor, ou Intrigas de um Jesuíta*. A obra foi divulgada no *Arquivo Romântico Brasileiro*, um periódico idealizado por Teixeira e Sousa e Paula Brito, e, no mês de setembro anunciou-se a venda dos três volumes⁴, que haviam sido impressos na “Typographia de Teixeira e C.”, como indica a página de rosto da primeira edição⁵. O primeiro volume de *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, o quarto romance do autor, foi publicado no ano seguinte, 1848, mas o segundo volume só seria divulgado três anos depois, em 1851⁶. O quinto romance de Teixeira e Sousa, *Maria ou A Menina Roubada*, foi divulgado, a partir de 10 de setembro de 1852, nos folhetins da *Marmota Fluminense*. A publicação foi concluída em 18 de fevereiro de 1853, quando Paula Brito passou a anunciar a venda dos números do periódico em que a narrativa fora impressa, pois não houve edição em volume⁷.

Em 1854, Teixeira e Sousa publicou seu último romance, *A Providência*, que foi divulgado nos rodapés do *Correio Mercantil* entre os dias 26 de janeiro e 17 de junho e publicado em volume nesse mesmo ano, na forma de 5 tomos impressos na tipografia de M. Barreto, no Rio de Janeiro. A partir de 04 de julho, portanto pouco tempo após o término dos folhetins do *Correio Mercantil*, a *Marmota Fluminense* passou a anunciar a venda dos volumes e a publicar excertos do romance na forma de “Máximas e Pensamentos extraídos dos capítulos da – Providencia – romance nacional do Snr. Teixeira e Sousa”, os quais foram divulgados até 13 de outubro daquele ano.

³ “AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS. / ROMANCE PELO SNR. A. G. TEIXEIRA E SOUSA. / Acha-se publicado, e vende-se na praça da Constituição n. 64. / Tendo-se esgotado as tres primeiras edições, a Marmota deu o em folhetins, e delles fez uma commoda publicação, em 3 volumes, que se vendem por 3\$ rs., em brochura.” In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro, n. 830, 17/03/1857.

⁴ “INTRIGAS DE UM JESUITA. / Romance original de Teixeira e Souza, 3 vols. 3\$; vende-se na praça da Constituição n. 64, e rua dos Ourives n. 21.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 12/10/1847.

⁵ A 1a. edição do romance consistiu na encadernação dos volumes do *Arquivo Romântico Brasileiro* e pode ser consultada no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro-RJ.

⁶ A Biblioteca Nacional possui a primeira e única edição em volume desse romance, cuja referência, do primeiro tomo, é: *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*. Tomo I. Romance por Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. Rio de Janeiro: Typografia de Teixeira & C. Rua dos Ourives n. 21, 1848. O segundo tomo possui as seguintes indicações: *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*. Tomo II. Romance por Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. Nictheroy: Typ. Fluminense de C. M. Lopes. Largo Municipal n. 2, 1851.

⁷ “POR 3\$000. / Collecções da *Marmota* contendo a historia completa de / Maria/ ou/ A menina roubada. / Vendem-se na loja do editor Paula Brito. Praça da Constituição n. 64.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: 22/02/1853.

Entre os anos de 1856 e 1860, o autor dedicou-se à reedição de seus romances, os quais, com exceção de *A Providência*, foram divulgados nas páginas das *Marmotas* de Paula Brito, que confeccionou novas edições em volume de algumas dessas narrativas. O primeiro romance a ser republicado foi *As Fatalidades de Dois Jovens*, divulgado entre 10 de janeiro de 1856 e 20 de fevereiro de 1857. À medida que o conteúdo da narrativa era divulgado em folhetim, confeccionavam-se os três tomos da edição em volume, impressa na tipografia de Paula Brito. A venda da obra completa foi anunciada a partir de março de 1857, pouco depois de finalizada sua publicação na *Marmota Fluminense*⁸.

No início de 1857, antes do fim da publicação de *As Fatalidades de Dous Jovens*, a *Marmota Fluminense* passou a divulgar outra narrativa de Teixeira e Sousa: *Tardes de um Pintor ou Intrigas de um Jesuíta*. A publicação teve início no dia 13 de fevereiro, mas sofreu uma interrupção logo no dia 03 de março, sendo retomada meses depois, no exemplar de 08 de setembro. A publicação do romance estendeu-se por todo o ano de 1858 e finalizou-se no dia 10 de junho de 1859. Na década seguinte, mais precisamente em 1868, seria publicada a segunda edição em volume dessa narrativa⁹.

Também em 1859, as páginas d'*A Marmota* divulgaram *O Filho do Pescador*, cuja publicação se deu entre 17 de julho e 20 de setembro, sendo anunciada a venda dos volumes a partir de outubro¹⁰. Ainda esse ano, no dia 04 de outubro, o periódico começou a divulgar *Maria ou A Menina Roubada*, cuja publicação terminou em 27 de janeiro de 1860, seguida da confecção da primeira edição em volume do romance¹¹. Finalmente, no segundo semestre de 1860, *A Marmota* publicou *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, impresso entre julho e outubro. A obra não teve outra edição em volume além da primeira, datada de 1848-1851, pois, no dia em que se findaram os folhetins, Paula Brito divulgou uma nota indicando que não pretendia confeccionar outra edição em volume do romance e venderia, encadernados, os exemplares do periódico em que a obra fora divulgada¹².

Assim, podemos dizer que a história editorial das obras em prosa de Teixeira e Sousa indica que elas eram apreciadas pelo público leitor oitocentista. Afinal, de um total de seis romances, três deles (*As Fatalidades de Dois Jovens*, *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* e *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*) foram publicados primeiramente em volume e, algum tempo depois, esgotada a 1ª edição, ganharam nova edição nas páginas das *Marmotas* de Paula Brito. Seus romances

⁸ “AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS. / ROMANCE PELO SNR. A. G. TEIXEIRA E SOUSA. / Acha-se publicado, e vende-se na praça da Constituição n. 64. / Tendo-se esgotado as tres primeiras edições, a Marmota deu o em folhetins, e delles fez uma commoda publicação, em 3 volumes, que se vendem por 3\$ rs., em brochura.” In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro, n. 830, 17/03/1857.

⁹ Referência do exemplar consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: SOUSA, A. G. Teixeira e. *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Rio de Janeiro: Cruz e Coutinho, 1868. 2ª ed.

¹⁰ “O FILHO DO PESCADOR. / Está publicado este lindo romance do Sr. Teixeira e Souza (3ª edição); vende-se a 2\$ na loja de Paula Brito, um volume de 280 paginas em bom papel e typo.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 06/10/1859.

¹¹ Segundo indicam os anúncios da venda do romance, que foram divulgados a partir de fevereiro:

“MARIA/ OU/ A Menina Roubada. / Romance do Snr. Teixeira e Sousa, 3ª edição (1.ª em folhetos). Um volume de 344 paginas, em 16, bom papel e typo. Preço 2\$500, na loja do editor, praça da Constituição n. 64.” In: *A Marmota*. Rio de Janeiro, n. 1133, 10/02/1860.

¹² No ano seguinte, Paula Brito anunciou a venda dos exemplares de *A Marmota* em que o romance fora divulgado: “GONZAGA/ OU/ CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES. / Este interessante romance acha-se á venda na praça da Constituição n. 78, loja da esquina, pelo preço de 1\$ cada volume.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: 05/07/1861.

publicados inicialmente em folhetim e depois em volume também fornecem indícios de boa aceitação por parte do público. *O Filho do Pescador* foi publicado duas vezes em periódicos diferentes e teve três edições em volume no Oitocentos. *Maria ou A Menina Roubada* foi publicado duas vezes pelo mesmo periódico e, a partir da segunda edição em folhetim, confeccionou-se uma produção em volume que foi considerada a segunda edição. *A Providência* foi publicado, em formatos diferentes, por dois jornais no mesmo ano e a edição em volume começou a ser vendida logo após o término da divulgação do romance nos rodapés do primeiro periódico. No contexto do século XIX brasileiro, esses dados são um indício de que o autor foi bem aceito.¹³

A recepção que as narrativas de Teixeira e Sousa obtiveram entre os críticos fortalece a hipótese de que ele foi apreciado por seus contemporâneos. Entre as seis produções em prosa, duas foram analisadas individualmente. A primeira foi seu romance de estréia, *O Filho do Pescador*, sobre o qual, em 1844, Santiago Nunes Ribeiro teceu comentários nas páginas da *Minerva Brasiliense*. O crítico chileno observou que, nesta narrativa, Teixeira e Sousa mostrara que “a novella pode[ria] ser hum genero muito moral”, pois da leitura da obra em questão “não pode[ria] resultar o mal que v[inha] d[aqueles] mil romances immoraes e corruptores que pullul[avam] na America e na Europa.” (RIBEIRO: 1844).

O segundo romance do autor a ser apreciado pela imprensa carioca, *A Providência*, foi objeto de dois estudos cujo conteúdo indica que foram escritos pelo mesmo crítico. O primeiro deles foi divulgado no *Correio Mercantil* de 26 de janeiro de 1854, quando teve início a publicação dos folhetins do romance. O editor divulgou as palavras de uma “pessoa em cujo critério confia[va]”, a qual considerou que, em *A Providência*, Teixeira e Sousa “soube[ra] de tal modo imaginar a mais intrincada trama, promovendo assim um interesse vivo pela sua solução”, através de uma linguagem “em geral corrente e amena”. A obra, a seu ver, estava em consonância com as demais produções do escritor, que, na condição de “archeologo de nossas velhas tradições”, soubera conferir “originalidade” ao romance por meio de um bom trabalho com os “costumes, usos e habitos dos tempos coloniaes” (*Correio Mercantil*: 26/01/1854). No ano seguinte, 1855, *O Guanabara* publicou uma crítica relativamente longa dessa narrativa. O texto, cuja autoria Antonio Candido atribuiu a Fernandes Pinheiro, retomou as idéias do texto divulgado no *Correio Mercantil*, acrescentou novos elementos de análise e mencionou excertos da obra, destacando sua moralidade. O crítico mostrou-se otimista quanto ao romance e declarou que, apesar de alguns defeitos, tratava-se de uma “criação gigantesca” (“Reparos sobre um Romance”: 1855).

As narrativas de Teixeira e Sousa também foram abordadas, em conjunto, em textos dedicados à análise da prosa nacional que sinalizaram o lugar que ocupou entre os romancistas brasileiros no século XIX. Em maio de 1861, por exemplo, ele foi incluído no artigo “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”, que F. T. Leitão divulgou n’*A Marmota*. O crítico mostrou-se incomodado com o fato de que, a seu ver, o romance era uma “especialidade literária” que não vinha sendo devidamente explorada no Brasil, pois

¹³ Esses dados tornam-se mais significativos se levamos em conta, por exemplo, o número de edições que alguns romances de José de Alencar tiveram durante sua vida. Em 1877, ano de sua morte, o primeiro tomo da 2.ª edição de *As Minas de Prata* trazia um anúncio em que são relacionadas outras obras à venda, especificando-se a edição de cada uma: *O Guarani*, 4.ª ed.; *Lucíola*, 4.ª ed.; *Tracema*, 3.ª ed.; *Cinco Minutos – A Viúvinha*, 5.ª ed. *Apud*: ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

não havia outras narrativas além das produzidas pelos “senhores Dr. Macedo, Teixeira e Sousa e Alencar”. No intuito de impulsionar a produção do gênero, mencionou que romances como “a *Moreninha*, o *Moço Loiro*, a *Vicentina*, as *Fatalidades*, a *Providencia*, o *Guarany* e a *Visinha*” eram “provas indestrutíveis de que nesse terreno muito lucro poder-se-hia colher em honra das letras patrias.” (LEITÃO: 1861). O texto indica que Teixeira e Sousa possuía um bom lugar como romancista naquele momento, visto que foi referido como um dos autores de romances mais representativos, sem o estabelecimento de hierarquia de valor entre ele e José de Alencar.

No ano seguinte, veio a lume a primeira edição do *Curso de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro, que se referiu a Teixeira e Sousa como “romancista fecundo e imaginativo”, que ocupava “honroso lugar nos dísticos da nova escola”. Segundo o crítico, o escritor, através de suas narrativas, vinha adquirindo “merecida reputação, como fiel e desapaixonado pintor dos nossos usos e costumes” (PINHEIRO: 1978, 510). Levando em conta a história editorial dos romances do autor, podemos pensar que a “merecida reputação” mencionada pelo crítico referia-se a sucesso de vendas e boa aceitação do público.

Anos depois, o romancista foi estudado em *O Brasil Literário*, de Ferdinand Wolf, obra escrita em 1863 e publicada em 1864, sob o patrocínio de D. Pedro II. Quando analisou a produção de romances no Brasil, o crítico demonstrou apreço pelas narrativas de Teixeira e Sousa, pois acreditava que superavam em mistério, originalidade e nacionalismo os romances de Macedo, que, por sua vez, também se destacava em outros quesitos. O texto merece destaque, ainda, porque seu autor observou que “o caminho seguido por Teixeira e Souza, parec[ia] o que conv[inha] melhor ao gosto nacional, porque os outros romances brasileiros, que [lhe] chegaram, traz[ia]m todos mais ou menos o mesmo sinal” (WOLF, 1955: 348-50). Ferdinand Wolf, ao postular que a trilha aberta por Teixeira e Sousa fora seguida por muitos outros escritores, indicou que a trajetória do romancista foi exemplificativa das saídas e soluções encontradas pelos primeiros prosadores nacionais.

O autor voltou a figurar em outros textos sobre o romance nacional na década seguinte. Em 6 de maio de 1870, a seção “Revista Bibliographica” do *Dezesseis de Julho*, jornal conservador criado e dirigido por José de Alencar e seu irmão Leonel, publicou um artigo que dialogou com as idéias de F. T. Leitão sobre o romance brasileiro, divulgadas em 1861. O autor, que não se identificou, discorreu sobre o descaso dos brasileiros em relação à produção de escritores nacionais, o qual contribuía para que a produção brasileira fosse pouco conhecida em outros países. Como exemplo do desconhecimento da produção dos escritores brasileiros pelas demais nações, o crítico lembrou que o português Mendes Leal, quando publicou *Calabar*, narrativa de assunto brasileiro, declarou que a literatura brasileira não possuía romances. A seu ver, essa afirmação, feita num momento em que “os nomes de Macedo, Teixeira e Sousa, Alencar e outros já estavam proclamados entre nós como romancistas da primeira plana”, era inadmissível. Entretanto, ressaltou que não lhe causava admiração que o escritor luso ignorasse “a existencia de romances brasileiros do merito da *Moreninha*, *Tardes de um pintor* e *Guarany*”, tendo em vista que muitos brasileiros desconheciam as produções literárias de seus compatriotas (“Revista Bibliographica”: 1870-1).

No dia 22 de junho, o mesmo periódico divulgou uma análise do romance *Os Franceses no Rio de Janeiro*, de Manuel Duarte Moreira de Azevedo, publicado naquele

ano. Antes de dedicar-se à análise do romance de Moreira de Azevedo, mencionou outros escritores brasileiros que haviam produzido narrativas históricas:

Parece-nos que cabe ao finado Teixeira e Souza, de honrosa memoria, a gloria de ser o primeiro escriptor brasileiro que começou a propagar a historia patria por meio do romance. E depois d'elle, foi, sem duvida, o Sr. conselheiro Alencar quem o elevou com o seu formosissimo *Guarany* e as *Minas de Prata*, em continuação, a esse gráo de perfeição que attingiu na litteratura ingleza o celebre Walter Scot. (“Revista Bibliographica”: 1870-2).

Assim como o anterior, o texto em questão também considerou Teixeira e Sousa e José de Alencar como nomes representativos da produção de romances brasileiros. Desta vez, porém, foi atribuída ao escritor cabofriense a “glória” de ter publicado os primeiros romances históricos nacionais. Dois anos depois, sua atividade como romancista foi novamente abordada nas considerações de Fernandes Pinheiro sobre a produção de romances no Brasil. Para o crítico, o desenvolvimento que o gênero obtivera na França influenciou a literatura brasileira, que foi inundada por “traduções e imitações das obras de A. Dumas, F. Soulié, Balzac, V. Hugo, Eugenio Sue, V. d’Alincourt, etc”. Esses romances, a seu ver, não possuíam “nativismo” e não faziam referência aos usos e costumes brasileiros, o que os distanciava do público. Tal lacuna teria sido preenchida por Joaquim Manuel de Macedo, com a *Moreninha*, e por Teixeira e Sousa, que também “particip[ara] da gloria de ser um dos creadores do romance nacional”. Para ele, as narrativas do escritor cabofriense eram “recommendaveis pelos fulgores da imaginação, vivos toques de costumes, quadros da natureza”, apesar da influência dos romancistas estrangeiros (PINHEIRO: 1872, 466).

Os textos apresentados permitem-nos dizer que Teixeira e Sousa alcançou reconhecimento como romancista no século XIX. Em todas as críticas, ficou patente a importância atribuída ao autor quando se tratava da formação do romance brasileiro, a qual foi reconhecida pelos leitores da época, como indicou o número relativamente alto de edições em folhetim e em volume que algumas de suas obras obtiveram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

- BOSI, Alfredo (1981). *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- LEITÃO, F. T. (1861). “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”, in: *A Marmota*. Rio de Janeiro: 07/05/1861.
- PINHEIRO, Fernandes (1978[1862]). *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL.
- _____. (1872). “O Romance”, in: *Resumo de Historia Litteraria*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- RIBEIRO, Santiago Nunes (1844). “Hum Fragmento do Poema Romantico Tres Dias de Hum Noivado, por A. G. Teixeira e Sousa”, in: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: 01/01/1844. Vol. I, nº. 5.
- SILVA, Innocencio Francisco da (1858-1923). *Dicionário Bibliográfico Português*. Vols. I e VIII. Lisboa: Imprensa Nacional.
- WOLF, Ferdinand (1955[1864]). *O Brasil Literário – história da literatura brasileira*. Tradução, prefácio e notas de Jamil Almansur Hadad. São Paulo: Companhia Editora Nacional.